



Timidez e inclusão social

Numa cidade longínqua morava uma família composta de três pessoas. Pai, mãe e um único filho. Menino de aproximadamente três anos. Lindo, inteligente, alegre, gracioso, porém de uma timidez que o impossibilitava realizar qualquer atividade ou comunicação, perante a presença de pessoas estranhas ao seu convívio diário.

Sua mãe realizava atividades domésticas e o menino permanecia longos períodos somente com ela e, a noite e final de semana com a presença do pai.

Certa feita, a família estava com o orçamento apertado e resolveram que a mãe deveria contribuir com as despesas da casa e, que iria então, arrumar emprego e trabalhar fora.

Começou para eles a primeira dificuldade. Em que escola infantil matricular um menino que, apesar de sua capacidade intelectual e motora, não conseguia interagir com pessoas estranhas?

Nas escolas públicas de Educação Infantil não houve a possibilidade de matriculá-lo, pois as mesmas ofereciam vagas somente para famílias de baixíssima renda ou nenhuma renda. Esse é o critério mais importante para o ingresso da criança. Critérios que não se enquadravam, pois possuíam uma casa, modesta sim, mas era sua. Uma renda baixa, mas não baixíssima como a da maioria dos candidatos as vagas. Na classificação final, após análise dos critérios, Arthur ficou em quinquagésimo lugar na lista dos suplentes. Então, sem nenhuma chance de ingresso numa escola pública.....

Mesmo sem condições financeiras mais favoráveis havia, então, a necessidade de buscar as escolas infantis particulares. Muito embora, o desejo de ingresso era na pública.

Foi escolhido uma escolinha particular no bairro que residiam. O menino foi entusiasmado com sua mochila nova nas costas e seus cabelinhos negros escorridos na testa, demonstrava curiosidade pelo espaço desconhecido.

A escola possuía ambientes alegres e coloridos. Oferecia aula de inglês em laboratório próprio. Música e dança em outro laboratório e diversas atividades pedagógicas para contribuir com o aprendizado das crianças. Aula de computação e contação de histórias.

Os olhinhos escuros de Arthur brilharam com o visual colorido, porém, sua timidez o impedia de manifestar sua alegria com aquele ambiente novo.

Apesar dos espaços bem organizados e pensados para a interação e aprendizagem das crianças, os profissionais que lá trabalhavam não conseguiam cativar o menino com suas formas de abordagem e acolhimento. Faltava mais carinho e menos profissionalismo para haver entre eles vínculo afetivo.

Arthur ficava o turno da tarde na escola sentado numa almofadinha escorado na parede a tarde toda.

Observava com seus olhinhos inquietos a agitação das outras crianças que brincavam na sala.

Seus pais perguntavam para as professoras como tinha sido a tarde dele na escola e, as mesmas relatavam como ele era quieto. Argumentavam que não observavam ele brincando ou interagindo.

Alimentava-se mal e logo voltava a ocupar aquele lugar contra a parede. Era lá que se sentia seguro, protegido e acolhido.

A maior dificuldade daquela criança era entrar no ritmo de uma turma que estavam juntos desde o turno da manhã. Já existia uma certa organização das atividades, as crianças já tinham estabelecido brincadeiras e objetos para brincarem. E não havia por parte da escola o acolhimento daqueles que chegavam depois.

Arthur trocou de escola, apesar da filosofia e os objetivos da mesma estarem adequados para aquele nível de escolaridade. Estava infeliz e cabisbaixo. Passou por mais algumas até que, com cinco anos de idade ingressou numa escola que tinha todo o aparato das outras, porém tinha algo muito superior as demais. Tinha o acolhimento, a sensibilidade, a humanização dos profissionais que lá trabalham. Perceberam logo as dificuldades de socialização daquele menino por causa de sua timidez. Realizaram atividades propícias para aquelas dificuldades, demonstravam muita atenção e carinho para com todos. Havia alegria naquele ambiente e, hoje, quando chega o final de semana o menino fica dividido entre a alegria de estar com os pais e a tristeza de não ter aula.

São elas profissionais que, além de terem a capacitação e a qualificação no atendimento daquela faixa etária, possuem muito amor pelo seu trabalho e pela sua rotina com as crianças. São gratificadas todos os dias com o sorriso das crianças. Com a alegria dos pequeninos de estarem ali, ocupando aqueles espaços. Arthur, hoje, sorri um sorriso solto, descontraído, feliz, na amplitude de todo seu corpinho. A inclusão perpassa pelo olhar para o outro. Se colocar no lugar do outro. Ver o outro com os olhos da alma e do coração.

Parabéns a todas as professoras que fazem a diferença na vida dessas crianças!!!!!!!!!!!!

Parabéns as escolas que selecionam profissionais de excelente capacidade técnica e humana!!!!!!

E, assim, a família seguiu seu cotidiano, alegre, aliviado e descontraído. Segura de que seu filho estava no lugar certo!!!

FIM!